



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczek Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Data de aceite: 20/09/2022

Joel Almeida Neto

Professor de Ciências e Biologia na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Graduado em Ciências Biológicas (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Viçosa. É membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidade – Ifes. E-mail: joel.almeidaw@gmail.com.

Lohan Galvão de Oliveira

Professor de Inglês no Centro Acadêmico Primeiro Mundo - Vila Velha. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, campus Vitória. Graduação em Química pela Ohio University e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Graduação em Letras Inglês em andamento pela Faculdade Estácio. É membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidade – Ifes. E-mail: lohan_galvao@hotmail.com.

Edmar Reis Thiengo

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciado em Ciências e Matemática. É líder do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva – Ifes e do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidades – Ifes. E-mail: thiengo@ifes.edu.br.

discutir a visão de estudantes do ensino médio de uma Escola Pública Estadual do município de Cariacica no Espírito Santo sobre como questões relacionadas à sexualidade, ao gênero e às temáticas LGBT podem ou devem ser trabalhadas no ambiente escolar. Para tanto, foram selecionadas duas turmas de terceiro ano do ensino médio, totalizando 31 estudantes. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário contendo três perguntas que abordavam a necessidade de discutir essas temáticas na escola. As respostas foram analisadas sob a ótica de Foucault que afirma que sexualidade e gênero são historicamente negados nas escolas, mas mesmo assim permeiam estes ambientes e que, de acordo com Silva, estas temáticas passam a compor o currículo oculto. Por conseguinte, os resultados apontam que há pouca compreensão sobre os conceitos acerca de sexualidade e gênero. Embora indiquem também que existem bases LGBTfóbicas nas ideias dos discentes, há por parte dos mesmos, uma inclinação que demonstra que alguma ação sobre a temática LGBT deve ser realizada na escola.

PALAVRAS CHAVES: Gênero; Sexualidade; LGBT; Escola.

INTRODUÇÃO

O movimento conservador no Brasil ganha força ao agregar o conservadorismo moral de alguns grupos religiosos existentes no país, em suas pautas. Para Almeida (2019), além de ter

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de

exercido papel fundamental na eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, a expansão do segmento conservador religioso na política é uma evidência do crescente poder que este exerce na atualidade.

Este novo movimento conservador, agora embebido do conservadorismo moral religioso, tenta sufocar as pautas de gênero e sexualidade na sociedade. Segundo Almeida (2019), após as pautas progressistas LGBTs terem ganhado espaço no Brasil nas últimas três décadas, houve uma reação conservadora à estas. Dessa maneira, religiosos e políticos que compõem este movimento, por vezes, acabam utilizando de falácias e interpretações deturpadas sobre gênero e sexualidade para tentar popularizar e vociferar as ideologias deste conservadorismo.

Além disso, vivemos numa sociedade fundamentada na LGBTfobia. Segundo Mott (2019), autor do relatório publicado pelo Grupo Gay da Bahia, 329 pessoas LGBTQ¹ morreram em 2019 no Brasil por conta da LGBTQfobia. É estimado que uma pessoa LGBTQ comete suicídio ou é brutalmente assassinada por conta deste preconceito, à cada 26 horas. Desta forma, se como cidadãos e seres políticos permitimos a perpetuação de um falso moralismo conservador que suporta estes preconceitos, permitimos assim, que estes se instaurem nos núcleos da nossa sociedade, inclusive nas escolas.

Portanto, a instituição escolar não pode ser vista como se estivesse à margem da sociedade e de seus atravessamentos, afinal “as questões de gênero e sexualidade estão no espaço da escola, dentro das salas e aula, estão nas relações que os sujeitos vão estabelecendo nos espaços em que circulam” (TORRADA, RIBEIRO e RIZZA, 2019, p. 54). Dessa maneira é importante que os docentes e os demais colaboradores do processo educacional tenham sensibilidade à presença dessas temáticas nesse ambiente e a partir disso, provoquem ações que incluam e deem relevância a esses debates na escola.

A este modo, a escola e o professor também têm o dever pautado em leis, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), de abordar as temáticas relacionadas à gênero e sexualidade. Para mais a escola, é local de construção de conhecimento e Segundo Louro (2003) se entendemos que estas temáticas perpassam o ambiente escolar e que a escola também produz identidade, precisa haver interferência nestes ambientes para que preconceitos como a LGBTfobia não sejam perpetuados.

Desta maneira, este trabalho teve o objetivo de **discutir a visão de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio sobre como questões relacionadas à sexualidade, ao gênero e a temática LGBT podem ou devem ser trabalhadas no ambiente escolar.**

Para tanto, parte-se da premissa de que sexualidade e gênero são historicamente negados nas escolas, mas mesmo assim permeiam estes ambientes, Foucault (1999), e

1. Os autores do presente artigo fazem o uso do termo LGBT, bem como LGBTfobia por considerarem termos mais usuais. Contudo, utilizou-se os termos LGBTQ e LGBTQfobia para ser fiel à escrita do autor da citação.

que, de acordo com Silva (2009), estas temáticas passam a compor o currículo oculto presente nos ambientes escolares.

REFERENCIAL TEÓRICO

As relações de desigualdade entre os grupos sociais que compõe a nossa sociedade são estabelecidas, segundo Foucault (1999), pelo poder e utilizadas pelo mesmo para a manutenção dessas desigualdades com o intuito de exercer controle sobre os grupos sociais considerados inferiores, perpetuando assim, os mecanismos de opressão nestes locais. Dessa maneira, reforçam-se padrões sociais que sufocam a liberdade de grupos de minoria de expressarem e de viverem, por exemplo, uma sexualidade livre da heteronormatividade. Este autor diz ainda que a sexualidade, por conta das ações dos mecanismos de poder, foi escondida na sociedade.

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (FOUCAULT, 1999, p. 9-10).

A este modo, a sexualidade foi sufocada nos ambientes sociais, inclusive na escola. Para Silva (2009) os preconceitos sociais como a LGBTfobia e os de classe se disseminam na escola através da praxi do currículo tradicional e conservador. Sendo assim, para este autor, a escola contribui na reprodução de crenças que nos fazem ver os arranjos sociais desiguais existentes como bons e desejáveis. Dessa maneira para Foucault (1999), falar livremente sobre sexualidade passa a ser considerado obscenidade e ato recriminável. Em torno do sexo, então, acontece uma explosão discursiva daquilo que se pode ou não falar sobre o sexo. Surgem normas que tentam controlar as expressões e os corpos, regras de decência e de moralidade tomam conta dos discursos que envolvem o sexo.

[...] em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração - e bastante rigorosa - do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, os educadores e alunos, padrões serviçais (FOUCAULT, 1999, p. 20-21).

Normas, então, passam a ser criadas aos moldes heterossexuais e religiosos na tentativa de controlar a sexualidade da/na sociedade/escola. Dessa forma, como a heterossexualidade é considerada modelo e regente da sexualidade social e escolar, o currículo passa a ser construído a partir desta perspectiva. A este modo, “o currículo da

escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código dominante” (SILVA, 2009, p. 35). Para mais, a escola seleciona e padroniza conteúdos bem como as formas de serem ensinados, como dito por Foucault:

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores (1999, p. 31-32).

Dessa forma, a sexualidade que foge a normativa heterossexual estabelecida por estas instituições é negligenciada, sufocando assim, os debates em torno da sexualidade no ambiente escolar com a justificativa de que a escola não seria local apropriado para tais debates. Deixando então, este debate, a cargo do currículo oculto, que é composto por todos os aspectos do ambiente escolar que não compõe o currículo oficial, pois segundo Silva:

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes. [...] Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e as pautas de funcionamento consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista (2009 p. 78-79).

Por conseguinte, o currículo oculto fica a cargo de ensinar pautas sociais negligenciadas pela escola e pelo currículo tradicional, mas implícitas no ambiente escolar. Para Silva (2009), é por meio dele que se aprende a ser homem ou mulher, heterossexual, ou homossexual, aprende-se também sobre valores ligados à nacionalidade, raça e gênero.

Numa perspectiva mais ampla, aprendem-se, através do currículo oculto, atitudes e valores próprios de outras esferas sociais, como, por exemplo, aqueles ligados à nacionalidade. Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça, aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia (SILVA, 2009, p. 79).

O currículo oculto torna-se então, mecanismo do poder que obriga os membros da comunidade escolar a se adequarem na cultura de maioria, disseminando e reforçando assim preconceitos e normativas sociais. O currículo oculto, então, ensina através de normas, regras, rituais. Selecionando assim as experiências, categorizando os sujeitos entre os mais capazes e os menos capazes.

O currículo oculto ensina, ainda, através de rituais, regras, regulamentos, normas. Aprende-se também através das diversas divisões e categorizações explícitas ou implícitas próprias da experiência escolar: entre os mais “capazes” e os menos “capazes”, entre meninos e meninas, entre um currículo acadêmico e um currículo profissional (SILVA, 2009, p. 79. grifos do autor).

Sendo assim, a sexualidade fica sujeita a heteronormatividade sufocando outras expressões da mesma. Dessa maneira, a fim de desocultar o currículo oculto é necessário trazer à tona nas escolas, as temáticas que o compõe. Por conta disso, e sendo a sexualidade componente do currículo oculto é necessário colocá-la em pauta, falar sobre ela e de maneira despudorada.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 1999, p. 12).

Portanto, é fundamental que a sexualidade esteja sempre em foco, principalmente em espaços em que esta é silenciada e indesejada. Dessa maneira, conseguimos nos colocar, por vezes, fora das ações e dos mecanismos de poder. À vista disso, busca-se neste trabalho, não somente trazer esta temática à tona na escola, mas também as formas como esta é compreendida pelos discentes.

METODOLOGIA

Este trabalho foi executado em uma escola estadual no município de Cariacica no Espírito Santo no mês de Novembro de 2018. Esta instituição é localizada em um bairro periférico do município que compõe a região metropolitana de Vitória. Para mais, os alunos desta escola são de uma realidade precária, com uma forte influência de religiões protestantes. Além disso, nem todos os estudantes têm acesso à todos os tipos de tecnologias.

Sendo assim, houve a participação voluntária e anônima de 31 estudantes de um total de 46 alunos presentes em duas salas de terceiro ano do Ensino Médio que funcionavam no turno matutino da escola. Mediante a autorização da diretora da escola, a escolha por essas turmas foi feita por serem alunos que estão no final do ensino básico. Além disto, os pesquisadores não eram professores destas turmas e evitaram dar explicações sobre o tema a fim de minimizar a influência dos mesmos com os alunos.

Para a coleta de dados foram realizadas aos estudantes, as seguintes três perguntas:

1 - O que você entende por Sexualidade?

2 - Você acha que o assunto sobre Sexualidade e Gênero deve ser trabalhado na escola? Por que?

3 - Deve ser feito algo sobre a temática LGBT na escola?

Os estudantes tinham um tempo indeterminado para a realização da atividade e, além disso, não eram obrigados a responder aos três questionamentos. Por fim, os dados foram analisados em consonância com o referencial teórico desta pesquisa, comparando entre si, as respostas dos diferentes questionários. Além disso, durante a análise dos dados, algumas respostas ou partes de respostas foram transcritas fidedignamente para esboçar, exemplificar e discutir a visão dos discentes sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, as respostas foram agrupadas para compreender como os alunos se posicionam em relação às temáticas abordadas. Dessa maneira, respostas de uma mesma pergunta de diferentes alunos foram associadas relacionando seus pontos em comum. A este modo, pode-se compreender de maneira geral o que os discentes entendem com relação aos temas e como/se, na opinião dos educandos, essas temáticas devem estar presente no ambiente escolar. Sendo assim, foram construídos três gráficos que agrupam as respostas das perguntas. Vale ressaltar que os números expressos no primeiro gráfico são superiores ao total de participantes na pesquisa, porque algumas respostas apresentam mais de um ponto em comum. O gráfico abaixo apresenta o agrupamento das respostas da primeira pergunta.

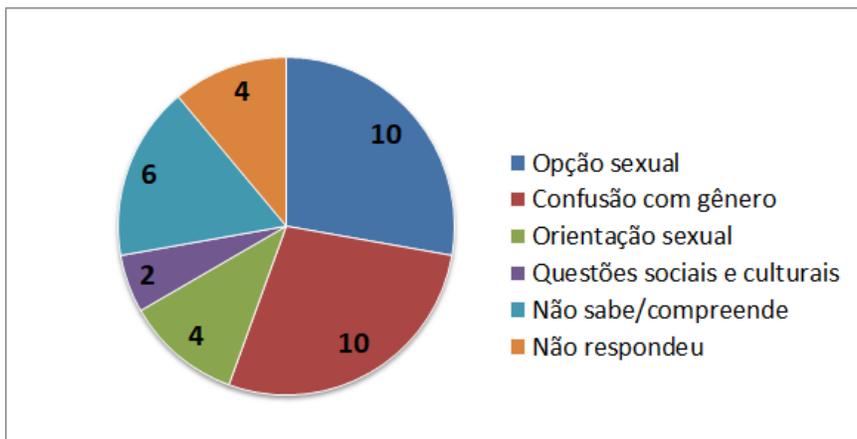


Gráfico 1 - Como os discentes compreendem a sexualidade

Fonte: Próprios autores.

No Gráfico 1 é possível perceber que quatro alunos demonstram compreender sexualidade como orientação sexual nas respostas. Tal afirmação evidencia-se pelas

respostas:

“A sexualidade, na minha opinião, é sobre a sua orientação sexual...”.

“Sexualidade é quando a pessoa se descobre, ou seja, se ela é hetero ou homossexual, ou de qualquer outro grupo LGBT+...”.

Dessa maneira, estes discentes entendem que sexualidade está relacionada à forma como o desejo sexual se manifesta nos indivíduos. Em contrapartida, há uma maioria de estudantes que acredita que os indivíduos têm controle das maneiras pelas quais sua sexualidade é expressada, como pode ser evidenciado nas respostas a seguir:

“Não entendo muito, mas acho que cada um tem o direito de escolher sua sexualidade.” “sexualidade pode se entender como opção de escolha a pessoa e ter sua escolha própria e se sentir bem do jeito que ela é”.

Existe um grande quantitativo de discentes que demonstraram fazer confusão com gênero. Evidencia tal afirmação ao vermos as resposta:

“Masculino e feminino”.

“Sexualidade é o que você deseja ser, homem ou mulher”.

Nestas duas respostas e em outras oito, nota-se que não há mais menção à sexualidade, orientação sexual, ou opção sexual. Sendo assim, estas tratam sexualidade como gênero, demonstrando que há desconhecimento e confusão entre os conceitos de sexualidade e gênero. Há também um quantitativo de alunos que afirmaram ou demonstraram com respostas confusas, não compreender o que é sexualidade quando afirmam:

“Eu não entendo muito!”.

“Entendo que a sexualidade é uma coisa Pessoal de uma pessoa”.

As respostas da primeira pergunta, de modo geral, sugerem que não há compreensão do conceito de sexualidade e de gênero. Além disso, que um grande número de discentes compreendem sexualidade como escolha. Por fim, há um número pequeno de alunos compreendem sexualidade como orientação sexual ou consideram outros fatores além de atração sexual.

Sendo assim, percebe-se de maneira geral uma grande variação na compreensão dos conceitos que circundam a sexualidade. Dessa maneira, esta, fica na escola, a mercê do senso comum e da moralidade estabelecida pelos aspectos socioculturais de cada indivíduo. A este modo, ao negarem a sexualidade, deixam-na a cargo do currículo oculto que para Silva (2009), tenta ensinar os comportamentos e estruturas considerados padrões na sociedade, condenando assim àqueles que fogem às normas. Para mais, apresenta-se em sequência o segundo gráfico com os dados coletados da segunda resposta dos

discentes sobre a discussão de gênero e sexualidade na escola.

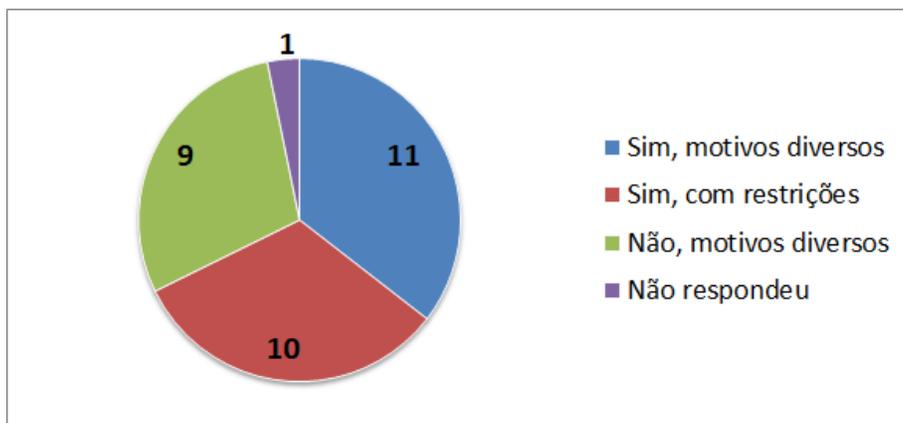


Gráfico 2 - Posicionamento dos discentes sobre discutir ou não gênero e sexualidade em sala de aula.

Fonte: Próprios autores.

O segundo gráfico mostra que 19 dos 31 estudantes ou são claramente contrários ao debate ou apresentam restrições ao mesmo. Sendo que estas apontam a idade dos estudantes e/ou a etapa de ensino como fator restritivo à temática, como nas seguintes respostas:

“sim, a partir dos 13/14 anos”

“sim, porem so no ensino médio, que os jovens são mais maduros”.

Estas restrições sugerem uma impossibilidade ou maneiras de cercear a discussão sobre sexualidade para alunos mais novos. Sendo assim, algumas respostas apresentam justificativas como:

“Sim, mas mais no ensino médio, para orientar quem está entrando na vida adulta”.

Exemplificando assim Foucault (1999), ao dizer que impuseram dispositivos institucionais e discursivos, onde se codifica os conteúdos e qualifica os locutores ao se falar de sexualidade com as crianças e adolescentes.

Para além, 9 discentes apontaram que estas temáticas não devem ser discutidas na sala de aula. Estes dizem que não é papel da escola, mas da família falar sobre sexualidade e gênero, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

“Não acho necessário ser estudado, pois seria 1 matéria a mais ocupando a mente, sendo que não é algo tão importante para a vida acadêmica e

profissional.”.

“Não, a escola deve ensinar assuntos fundamentais para nossa capacitação em meio a sociedade e no mercado de trabalho, sobre gênero e sexualidade isso cabe aos pais orientar o jovem, ou ele pode procurar por ajuda, como psicólogo para o orientar.”.

Dessa maneira, percebe-se que alguns discentes entendem que os assuntos relacionados à sexualidade e gênero não são relevantes no ambiente escolar. Com estas afirmações estes alunos demonstram não compreender o quanto a sexualidade e o gênero são influentes no nosso dia a dia e principalmente na rotina escolar, já que, segundo Foucault (1999), mesmo que se tenha a impressão de que o sexo e o gênero sejam assuntos proibidos, ao darem conselhos, recomendações, observações, pareceres e exemplos edificantes as instituições e professores utilizam à todo instante do sexo e da sexualidade para regular as vestimentas, o conteúdo a ser ensinado e o comportamento dos sujeitos. Sendo que todos os conhecimentos de sexualidade e gênero que fogem às normativas ficam a cargo de serem ensinadas, segundo Silva (2009), pelo currículo oculto.

Contudo, há respostas de alunos que indicam a necessidade do debate e da construção de conhecimento sobre sexualidade. Como, por exemplo um estudante que diz:

“Sim, pois acredito que com este estudo pode ajudar aos que não tem conhecimento sobre o assunto...”.

Além disso, alguns alunos evidenciam em suas respostas a necessidade deste debate porque acreditam que ele pode auxiliá-los no caminho do autoconhecimento. Sendo assim um aluno diz:

“Sim! pois iria ajudar muitos, não só se descobrir, mas sim também entender, saber o que realmente é, e não ter problemas futuros”.

Nota-se nas duas últimas respostas citadas uma preocupação em se obter conhecimento, o que corrobora com a interpretação de que há uma incompreensão das temáticas pelos discentes, já que os mesmos apontam um anseio em saber mais sobre elas.

Há também muitos estudantes que alegam a importância do tema no combate ao preconceito, como as respostas a seguir exemplificam:

“Sim, Pois é um assunto que deve ser ensinado desde o começo para termos uma visão ampla e sem preconceito”

“Sim, porque ultimamente tem varias pessoas sofrendo agressão por conta da sexualidade”.

Essas respostas mostram que os temas relacionados à gênero e sexualidade, quando abraçados pelos estudantes, estão intrinsecamente relacionados ao combate ao

preconceito ou ao autoconhecimento, indicando superficialidade na compreensão destes temas. Negligenciando assim, a infinidade de possibilidades práticas e subjetivas que tais temáticas interferem e podem interferir na vida de um indivíduo. Para mais, apresenta-se a seguir o terceiro gráfico.



Gráfico 3 - Posicionamento dos discentes acerca da implementação ou não de ações sobre a temática LGBT na escola.

Fonte: Próprios autores.

O terceiro gráfico esboça a opinião dos discentes com relação à possíveis ações na escola com enfoque para a temática LGBT. Nota-se através deste que um grande quantitativo de respostas que aparentemente mostravam-se favoráveis à ações com enfoque nestas temáticas, apresentam também resistências para a ocorrência das mesmas, como por exemplo na resposta a seguir:

“No minimo uma conversa/reunião, não incentivando as crianças mudar de sexo, mas para que elas não cresçam querendo agredir o colega por ele ser gay, bi etc...”.

O discente diz ser favorável a uma ação voltada para que não haja agressões, porém considera erroneamente que esta pode incentivar crianças a mudarem de sexo. Ou seja, para este aluno que não compreende as questões de gênero, trabalhá-las seria um perigo para o gênero pré determinado das crianças. Outra resistência apresentada é a de seleção de público. Nesta resposta o discente aponta que só deve haver ações com a temática LGBT com alunos voluntários a este debate. O aluno diz:

“Sim mas que seja voluntário ou seja quem quiser debater ou interagir seja por conta própria.”.

Dentre estas respostas com resistência também observa-se àquelas em que o aluno

diz que ações sobre esta temática poderiam privilegiar o grupo LGBT, como no exemplo a seguir:

“Eu acho que o LGBT deve ser tratado como qualquer outra pessoa, não é necessário “privilégios” sobre leis para eles... Deve ser feito palestras ou algo assim para as pessoas entenderem que gay não é uma “aberração””.

Outro aluno ressalta, na resposta a seguir, que ao trabalhar estas temáticas não deve-se exaltar as subjetividades da comunidade LGBT:

“deve ser feito palestras sobre respeitar a diferença de cada pessoa mas não a exaltação dessas diferenças...”.

A este modo, estas resistências e normativas que os discentes acreditam ser fundamentais para a realização de atividades em prol da comunidade LGBT e da compreensão de sexualidade, são na verdade, mais um meio que o poder utiliza para regular a própria sexualidade no ambiente escolar. De acordo com Foucault (1999) a atividade sexual da criança é considerada pelas instituições em geral, inclusive a escola, como indevida e traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais, fazendo-se necessário uma demarcação da sexualidade, feita pelos pais, famílias, educadores, médicos e psicólogos. Considera-se que há um “germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo”.

Dessa maneira a sexualidade dos alunos acaba sendo não somente regulada na escola e em todos os ambientes sociais, mas também demonizada e patologizada. Para Silva (2009) é por meio destas regulações, regras, normas e categorizações próprias do ambiente escolar que o currículo oculto ensina. Sendo assim, estas barreiras colocadas pelos alunos, além de normatizar a sexualidade contribuem para a perpetuação do preconceito contra a comunidade LGBT nestes ambientes.

Ademais, há respostas que demonstram ser pró positivas para que ações sobre a temática LGBT aconteçam, porém somente para o respeito ao diferente e combate ao preconceito, como pode ser evidenciado na seguinte resposta:

“Sim! Os alunos tem que aprender a gosta de aceitar pelo menos, mesmo que sejam contra. palestra nas escolas ajudaria muito”.

Há uma abertura para que haja ações. Porém, neste caso, assim como no seguinte, somente para aceitação do indivíduo LGBT:

“nas escolas eles deveriam incentivar o respeito a comunidade LGBT, ensinar que amor é amor pois essa conversa entre pai e filho isso ainda é um tabu”.

Além disso, há também respostas que apontam diretamente para o combate ao preconceito, como a seguinte:

“É necessário uma conscientização, para que não haja preconceito futuramente”.

É nítida a preocupação com a temática. Isto evidencia-se pelo aparecimento das palavras respeito, aceitação, conscientização. No entanto não há aprofundamentos sobre as temáticas de sexualidade, neste caso, sexualidades não heteronormativas. Sendo assim, Foucault (1999), diz que há tecnologias em torno do sexo que faz o corpo social e até os indivíduos colocarem-se em vigilância. E uma dessas tecnologias é a pedagogia em torno da sexualidade da criança. Desta forma, é possível compreender que dentro do ambiente escolar (e não somente nele) é permitido aceitar o sujeito LGBT, mas não é possível debater e nem compreender a totalidade acerca da sexualidade.

Há ainda duas respostas, que embora sejam minoria em número, mostram-se terminantemente negativas à execução de ações voltadas à temática LGBT. Um estudante diz:

“Não. Deve ser dado a educação para todos independente de opção sexual para que possamos todos nos respeitar”.

E outro vai além e dá uma demonstração clara de discriminação ao dizer:

“NÃO, VAMOS EXCLUIR DA SOCIEDADE”.

Nota-se que a resposta não se refere mais às ações em prol da comunidade LGBT, sobre compreensão da sexualidade ou até mesmo sobre o ambiente escolar. É uma manifestação clara de intolerância que defende a exclusão dos sujeitos LGBTs da sociedade.

Contudo, há também alguns poucos estudantes que se manifestaram favoráveis à realização de ações sobre temáticas LGBT na escola. Um dos estudantes disse:

“Sim! Gostaria muito que as escolas tivessem uma atenção maior com isso (...), creio que se a escola mostrasse interesse sobre esse assunto muitos alunos que fazem parte do grupo LGBT não se matavam”.

“Sim, a questão ao respeito e aceitação, e que isso (LGBT) é algo normal... Deve ser comemorado o dia do orgulho LGBT por ser uma data de conquista, assim como consciência negra, dia da mulher, etc.”.

Para além dos alunos que ressaltam somente a necessidade de prezar pelo respeito e aceitação dos indivíduos LGBT, estes discentes demonstram compreender um pouco mais sobre a temática quando frisam que representatividade, suicídio e luta contra o preconceito são temas intrinsecamente ligados às questões LGBT e devem fazer parte das discussões no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados apontam, de modo geral, para um desconhecimento e uma confusão com termos acerca de sexualidade e gênero. Sendo assim, com as respostas da primeira pergunta ficou evidente a dificuldade dos estudantes em falar sobre o conceito de sexualidade já que a maior parte das respostas se baseiam no senso comum de entender a sexualidade como uma escolha ou de confundí-la com o conceito de gênero.

Quanto às outras perguntas, é curioso que muitas de suas respostas apresentaram relativas contradições. Alguns estudantes eram favoráveis à discussão de gênero e sexualidade em sala de aula, mas mostravam-se contrários à ações sobre a temática LGBT e o oposto também foi observado. O que demonstra, dessa maneira, em conjunto com o desconhecimento apontado na primeira pergunta, como este ainda é um assunto delicado, um tabu e que causa apreensão.

Outro ponto crucial para compreender a dificuldade com a qual os discentes tratam este assunto é a quantidade de restrições que se colocam ao tratar sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual. A restrição mais foi a respeito da idade e série que estes assuntos devem ser trabalhados. Há uma aparente aflição sobre trabalhar gênero e sexualidade com adolescentes mais novos, considerando que o público dessa pesquisa sejam adolescentes, só que do Ensino Médio. O que justifica Foucault (1999), ao dizer que as atividades sexuais das crianças são vistas como indevidas e trazem perigos. Outro ponto preocupante é quanto às ações à temática LGBT na escola, há um mínimo de entendimento sobre a aceitação e o respeito ao sujeito LGBT ao passo que há uma repulsa em se compreender um pouco do universo LGBT e a amplitude deste, na escola.

Por fim, ainda que no ambiente escolar haja impasses para a discussão da sexualidade com os estudantes, já que estes apresentam dificuldades desde desconhecimentos dos termos, perpassando as restrições apresentadas, até as manifestações claras de preconceito, é este ambiente que promove a possibilidade do diálogo, da construção de novos conhecimentos e do fortalecimento de resistências à discriminação. De modo a traçar caminhos para a desconstrução do preconceito e à valorização da diversidade sexual, assumindo assim que somos seres sexuais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**. vo. 38 n. 1, 2019. p. 185-213. ISSN 1980-5403.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

MOTT, L. OLIVEIRA de, J. M. *et al.* Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil - 2019: **Relatório do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Wordpress. 2019. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>> Acesso em: 11 set. 2020.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade; Uma Introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

TORRADA, L. RIBEIRO, P. R. C. RIZZA, J. L. Estratégias de Resistência Possibilitando o Debate de Gênero e Sexualidade na Escola. **Revista Contexto & Educação**, v. 35, n. 111, p. 46-63. Ijuí: Unijuí. 2020.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

